Um corpo, dois corpos, um corpo: a psicanálise como uma arte em busca do símbolo

One body, two bodies, one body: psychoanalysis as an art in search of the symbol

Celso Gutfreind*

Resumo: Este artigo faz uma breve reflexão sobre a importância da simbolização na vida psíquica, realizando um histórico disso, desde autores clássicos com Freud e Klein, a contemporâneos como Roussillon. Em seguida, apresenta uma vinheta clínica sobre o processo de simbolização conquistado por um menino em um abrigo público francês, no dispositivo de uma terapia em grupo utilizando o conto como mediador.
Palavras-chave: Simbolização. Psicanálise da infância. Contos infantis. Apego. Vínculo.

Abstract: *This article briefly reflects on the importance of symbolization in psychic life, providing a historical overview of this process, from classical authors such as Freud and Klein to contemporary thinkers like Roussillon. It then presents a clinical vignette about the symbolization process achieved by a boy in a French public shelter, within the context of group therapy using storytelling as a mediator.*
Keywords*: Symbolization. Child psychoanalysis. Children's stories. Attachment. Bonding.*

* Psicanalista. Membro com funções didáticas da SBPdePA, Escritor.

"Não há anestésico para aqueles que sofrem ao se ausentar de casa".
W. R. Bion

Toda metapsicologia costuma adaptar-se às circunstâncias de um encontro único, e a minha aqui começa pelo John Bowlby, psicanalista do apego. Nascemos com um dispositivo capaz de apegar-se ao outro, de quem dependemos para sobreviver concretamente, no começo, e nos constituirmos subjetivamente até final. O objetivo maior do apego é o desapego, fundamental para a continuidade das nossas sobrevivências e, mais ainda, de nossas vivências. Para a ciência, vínculo. Para a vida, amor. E haja arte para tudo isso!

Continua a minha metapsicologia com o Winnicott, relacional como o Bowlby, e seu construto de espaço potencial, mediado por esta arte e pela cultura, uma aquisição fundamental para o bebê conseguir se separar dos pais. E sobreviver. E viver. Sem investirmos na arte e na cultura (nos símbolos disponíveis), não podemos nos apegar e sabemos o quanto a construção de um vínculo é mais da ordem ou da desordem da arte (dança, poesia, música).

Minha metapsicologia aqui vai adiante com o que devesse talvez vir antes, que é a Melanie Klein, com suas equações simbólicas e, sobretudo, a necessidade de se experimentar alguma angústia para conseguir simbolizar: "As assim chamadas experiências cruas se convertem em símbolos através do efeito de fermentação causado pelo "tempo" (refiro-me a um tempo psicológico)". (MISHIMA *apud* KAWABATA, 2019, p. 31).

Quem conseguiria se deslocar na paz ou no inferno absolutos?

Amores, com suas iras e desejos, podem ser contidos, como o Moisés de Freud, mas isto não pode ser confundido com sedar. A medicação mais efetiva no caso é a arte, o símbolo, o vínculo. Não é medicação, mas ponte para transformações possíveis. Expansão. Aparentemente mais intrapsíquico do que Klein, Freud é o pai de todos eles, com a ideia-mãe de que chegar à representação-palavra (ao sentido) é o protótipo da separação. Talvez explique, se é que se pode ou precisa explicar um símbolo, as razões que levaram Mario Quintana (2005) a sentir e a expressar que toda palavra se parece com uma borboleta espetada na página e, por isso, ela é sempre triste. Sem tristeza (Vinícius de Moraes) não se faz um samba não. Não haveria "cura", esta utopia que consegue ser real, durante a música.

A função da transformação simbólica, preocupação inicial da filosofia, é uma atividade natural do ser humano e uma forma elevada de resposta, mas

foram necessários séculos para que a psicanálise e a lógica moderna, cada uma à sua maneira, descobrissem o poder da simbolização (LANGER, 2004).

Mesmo o Freud inicial já questionava a localização anatômica das afasias e considerava a chegada à palavra (ao símbolo) como um processo mais amplo e subjetivo, tornando-nos mais homo *narrans* do que homo *sapiens*, de acordo com Assis Brasil (2019), um ficcionista como todos nós, quando somos suficientemente saudáveis, no contexto de uma fisiologia sempre mais simbólica do que anatômica.

Entre os contemporâneos, René Roussillon (2017) também localizava os primórdios da simbolização no começo de Freud, entre a afasia e o projeto. Uma de suas fontes foi Serge Lebovici (2000), menos exato ou metapsicológico, limitando-se (limitando-se?) a localizar a capacidade de abstrair como um fruto da empatia (empatia metaforizante era o seu conceito).

O mesmo ficcionista Assis Brasil (2019), ao abordar a construção de um personagem, vale-se do conceito de transmutação, de Darwin. O personagem, então, pode nascer da vida, desde que transmute, ou seja, adapte-se com a sua força para sobreviver na vida simbólica da página até que a mulher inspiradora original se torne um homem (ou vice-versa), o exagero do modelo ganhe uma nuança, tire os óculos, ponha os óculos.

Eu não imaginava que Darwin fosse tão kleiniano: na simbolização, a angústia original da mãe que parte pode virar um cachecol de um pequeno príncipe, a violência de uma pulsão se converter em lobo, o desamparo do menino ganhar a coroa do rei, o desencontro se metamorfosear em bruxa ou ogro, o escarro virar beijo, a ausência presença, o nada algo, o algo algo menos doloroso, a feiura beleza, a morte vida: "Transmutar o temor em esperança – farsa ou feito do poeta." (CANETTI, 2018, p. 29). E do psicanalista – acrescento.

É, portanto, como num sonho. Em uma de suas etimologias, símbolo significa marca, senha, garantia. De palavra ou corpo? – perguntamos, com a nossa metapsicologia, que raramente responde, mas costuma ser saudável para questionar. Freud aqui já soa mais poético do que os neurologistas da sua época e da nossa, quando a sua prosa científica aproxima-se da poesia de Maiakovski, sobretudo na imagem de que, no próprio poeta, a anatomia havia ficado louca, e ele já era todo coração.

Na prosa da metapsicologia, amparada pela poesia, ainda tem o simbólico dual ou a três do Lacan (1949/1966), a partir de uma relação inicialmente especular, e o quanto é essencial a vinda do nome (palavra) de um terceiro. E tem

o coletivo arquetípico do Jung (2016), que tanto incomodou o Freud ao se afastar do sexual, mas não do símbolo.

Todos os clássicos, enfim, deram o seu pitaco sobre a chegada ao símbolo como a única forma de se partir da coisa, seja ela uma simbiose, um horror sem nome ou uma pulsão perigosa. Seja o que for, há consenso de que não há saúde sem símbolo. Neuroses e transtornos são símbolos fracos, previsíveis, lineares, invariantes. Ou até não símbolos, como nos extremos de uma psicose em nossos pontos cegos, inclusive. De certa forma, a cura é o encontro de uma neurose única, particular, compreendida com empatia a ponto de encontrar o símbolo. Simbolizamos como fruto de uma necessidade expressiva. O ápice da expressão é chegar ao que é simbólico e, como dizia um comunicador popular brasileiro, "quem não se comunica, se trumbica".

Nossos símbolos não estão somente a serviço da beleza. Aqui a estética não é pura, inútil, desinteressada, por mais que pareça e seja essencial que pareça. Além do objetivo de preenchermos a falta, simbolizamos para encontrar um belo equivalente ao belo do vínculo inicial, e só poderíamos trocar uma coisa bela por outra coisa, às vezes ainda mais bela, nos melhores casos de saúde e arte.

Mas foi o próprio Freud que, simbolicamente, aludiu ao quanto os poetas chegaram antes dos cientistas às terras do inconsciente. Então, na minha metapsicologia particular, aportam mais poetas, como o Pablo Neruda que se antecipou a todos os psicanalistas, com a ideia de que nosso destino é amar e despedir-se. Este único verso resumiu a prosa dos três volumes do Bowlby, o psicólogo do apego. Poetas costumam ser mais sintéticos, e psicanalistas como Freud, que invejam suficientemente em paz os poetas, costumam apreciar a síntese.

Freud diria que conseguir amar e despedir-se é trocar, saudavelmente, destino por história. E o faria numa prosa poética que evoca outro prosador, Jorge Luís Borges, que escreveu poeticamente, como o Freud: "Pompas do mármore, negra anatomia/que ultrajam os lagartos sepulcrais,/da vitória da morte os glaciais/símbolos congregou. Não os temia." (BORGES, 2009, p. 139).

O herói de Borges não temia os símbolos. De fato, é preciso coragem para partir depois de amar, como no fim das mamadas, dos amores e das análises, ou seja, para simbolizar e ir adiante para novos vínculos (com os velhos introjetados), e assim entendo a grande coragem evocada pelo poeta de não temer os símbolos. O general de Borges não os teme, e esta parece a sua força maior, mais que a física ou a bélica.

Na minha história, um dia amei e parti. Com direito à angústia kleiniana prévia, desembarquei na França para, aparentemente, empreender uma pesquisa. Levava na bagagem o livro, meu objeto transicional. No latente, buscava um corpo só meu, mas ainda sem simbolismo suficiente, porque dava, novamente, os primeiros passos, longe de um corpo só, a metáfora ainda com pouco deslocamento, que é a sua tarefa maior: viajar até o como se (WINNICOTT, 1971/1975).

Na França trabalhei, ou seja, brinquei e simbolizei com crianças separadas de seus pais, utilizando o conto como mediador em seu tratamento (GUTFREIND, 2019). Toda técnica analítica com crianças é feita com mediador, desenho ou jogo: "O estético torna-o suportável."[1] A de adultos, também, embora o ignore. Nos abrigos públicos, utilizávamos, sobretudo, o conto. Para algo tão complexo, o princípio era simples: oferecer metáforas (possibilidades de deslocamento), símbolos, narrativas individuais e arquetípicas para favorecer um processo de simbolização, ali mais complexo, pois o apego daquelas crianças separadas de seus pais precisaria ser trabalhado, diante da transferência de tantas carências afetivas, decorrentes de um histórico ainda não historiado de maus tratos, negligências e uma separação mesmo assim traumática. Mas, fora dos abrigos, todos os outros casos, incluindo os nossos, excluem carências afetivas e separações traumáticas?

Quando parti para a França, por exemplo, uma tia pranteava aos gritos, no saguão do aeroporto, e tia aqui pode ser a tentativa malograda de simbolizar a mãe que ostentava um silêncio fajuto. Feliz e infelizmente, minha mãe não é uma boa atriz.

Na França, oferecíamos (organizamos uma equipe, equivalência simbólica de uma família) o que a casa da psicanálise, influenciada pela arte, oferece: a possibilidade de expressar e representar o conflito como a única cura possível. O símbolo, enfim, que toda psicologia do desenvolvimento, nomeie ou não, busca ardentemente na vida.

Philippe, de cinco anos, não participava das sessões semanais grupais, com a mediação do conto. As crianças não eram obrigadas a participar, e ele nunca vinha. Parecia carente de apego, mais esquizoide do que deprimido, mais esvaziado do que triste, até o dia em que adentrou a sessão. Irrompendo por detrás de mim, aplicou-me no pescoço uma gravata, com um misto de

1. George Steiner, 1988, p. 199.

jiu-jitsu e judô. Não me senti atacado e sim provocado a me misturar fisicamente com ele, como nas briguinhas que fiz na infância com meu pai e, mais tarde, com meus amigos. Feliz e infelizmente, meu pai era um bom lutador. Após algum embate, entre triste e engraçado, desfiz-me da gravata, olhei-o nos olhos, sem pensar em Lacan, em Winnicott ou Da Vinci, e encontrei rapidamente algumas palavras que expressaram espanto:

- O que estás fazendo, Philippe?

Enquanto a turma esperava a chegada de três porquinhos e um lobo para fazer o teatro habitual, o ambiente já parecia propício para a narratividade. Ele respondeu:

- Uma palhaçada.

Então, eu lhe disse que, em vez de fazer palhaçadas, ele poderia ouvir histórias de palhaços, e que ouvir histórias de palhaço pode ser mais sereno e fascinante do que fazer palhaçadas. Ele se interessou e pediu uma. Até aquele momento, eu não conhecia nenhuma história de palhaço.

Partindo do princípio de que pode ser salutar que as crianças mintam para os adultos, mas não o contrário, eu disse a verdade para ele, que não conhecia nenhuma história de palhaço, mas que a procuraria e traria na semana seguinte. Na semana seguinte, Philippe e a história estavam lá, frente a frente, olhos nos olhos, corpos nos corpos, prontos para o apego e o desapego, vozes, silêncios, prosódias, empatias, prosas. E, ao contrário da cena da gravata, em que nossos corpos foram um só, ele se sentou no meu colo, quase como se já fôssemos dois.

Eu trouxe a história do Chico, o palhaço apaixonado (POMMAUX, 1980) e não correspondido por Amália, a domadora. Ela só olhava os tigres e os leões. Chico é mais triste do que o necessário para a média dos palhaços, o que o torna um ator sem graça. Ele está, de fato, deprimido, o que provoca a sua demissão compulsória do circo, com um provável encaminhamento para um psiquiatra que vá medicá-lo. Mas ele precisa fazer a derradeira apresentação e, nesta, tudo dá tão errado, mas tão errado que a plateia o ovaciona.

Chico é readmitido, com aumento de salário, e Amália agora começa a olhar com outros olhos para um homem rico e contente, traço cultural do passado, e hoje já superado, conforme a piada que eu me conto à guisa de um pacto narrativo (LAFFORGUE, 1995) com o público, sempre que tenho a oportunidade de contar esta história.

Culturas e mentes estão sempre em movimento para o símbolo ou para a morte. A história do Philippe me lembrava a do poema Andorinha, do Manuel Bandeira (1966):

"Andorinha lá fora está dizendo:
- Passei o dia à toa, à toa.
Andorinha, andorinha, minha canção é mais triste:
- Passei a vida à toa, à toa".

Para mim, o poema simbolizava Philippe. Para ele, a história do Chico o simbolizava. Philippe era filho de uma relação incestuosa entre a mãe e o avô materno, uma trama que já nasce com um único corpo para dois, uma intriga extrema de desrespeito ao limite civilizatório dos corpos e das almas. Mas ele também era, sobretudo, o filho triste e vazio de não conhecer a própria história.

A nossa civilização pode trazer este intuito em suas leis estruturantes, pelo menos no que se refere ao incesto e ao parricídio. Édipo enlouqueceu por cometer o incesto e o parricídio ou por desconhecer a sua história e não ter podido simbolizá-la? Seja o que for, diante de histórias abertas, os corpos e suas vidas precisam ser respeitados, caso contrário a civilização não começa ou é interrompida. E sempre, sempre, ensina-nos a neurose, é melhor saber.

Philippe ouviu a história, durante muitas semanas. Sempre no colo da educadora, que trabalhava comigo, com palavras e afetos disponíveis, sem jiu-jitsu nem judô. Até que saiu do colo dela, mas não largou o livro (seu objeto transicional, como o meu), que mostrava a todos como sendo a sua história. Meses depois, começou a desenhar palhaços, inicialmente sem histórias e em preto e branco, depois com história, coloridos e cada vez mais simbólicos.

Depois de muito colo e algum resgate na transferência (outra metapsicologia aqui utilizada), Philippe pôde simbolizar, ou seja, ser acolhido em sua angústia para encontrar palavras e uma história a fim de poder encontrar alguém para amar e despedir-se. Dormir. Comer. Ter amigos. Aprender, que é simbolizar. Vincular-se. Contar a própria história para estar vivo.

Melanie Klein nunca pareceu tão atual. Ao defender a importância da angústia como precursora da simbolização, ela questiona um tempo, o nosso tempo, que medica em demasia (as crianças hoje, inclusive) em nome de uma gana concreta pelo lucro e uma fantasia abstrata de não sentirmos nada desagradável, a ponto de me ocorrer este devaneio:

Um sujeito sorridente como um usuário crônico de Prozac encontra o poeta Manuel Bandeira, a andorinha e lhes diz:

- Poeta, andorinha, minha canção é muito mais triste, é trágica: passei a vida sem angústia e nada pude simbolizar.

Um símbolo pode significar, entre outras possibilidades abertas, a liberdade de um deslocamento. Como em Miró ou Picasso, e o movimento livre de

seus corpos, enquanto criam. Outra das etimologias para o símbolo – atirar, lançar, arremessar - tem a ver com isto, mas é interessante que faça parte da origem um atirar junto, ou seja, não é possível simbolizar sozinho, assim como, salvo Freud, não é possível analisar-se sozinho. Aqui, para nós e nossa metapsicologia, não é possível chegar ao espaço do corpo individual sem passar pelo tempo de dois corpos.

Na arte, simbolizamos como criadores e expectadores (às vezes num só corpo, durante a leitura ou o espetáculo) para ir além da coisa. Quanto mais além, mais dentro. Quanto mais dentro e além, mais arte. Na vida, o fazemos para ir além do corpo de quem, um dia, se esteve dentro, depois junto, depois perto, depois longe (agora com o outro por dentro e devidamente simbolizado) até que seja um corpo próprio, individualizado. E, por ironia do destino, este corpo dedicará boa parte de sua energia para encontrar outro corpo a fim de, pelo menos por mais alguns minutos, poder voltar a ser um corpo só. Com alguma saúde, alguma arte e, quem sabe, com alguma psicanálise, esta saúde e arte, o corpo já marcado e simbolizado pela alma poderá agora dispor de algum teor nem que mínimo de escolha para, sem ironia nem destino, encontrar lúdica e seriamente (como Philippe) uma história. Com o erotismo relativo de quem vive e encontra. Sem a pornografia tediosa e absoluta de quem não pode simbolizar.

Celso Gutfreind
celso.gut@terra.com.br

Referências

ASSIS BRASIL, L. A. *Escrever ficção:* um manual de criação literária. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BANDEIRA, M. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

BION, W. R. Turbulência emocional. In: *Revista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. VII, n. 3, p. 447-457, 2000.

BORGES, J. L. *O outro, o mesmo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOWLBY, J. (1979). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CRUZ, A. *O vício dos livros*. Porto Alegre: Dublinense, 2024.

FREUD, S. (1914), *O Moisés de Michelangelo.* Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas, 13)

_____. *Afasias*, com comentários de Luiz Alfredo Garcia-Rosa. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GUTFREIND, C. *O terapeuta e o lobo:* a utilização do conto na clínica e na escola. Porto Alegre: Artmed, 2019.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KLEIN, M. (1930). L' importance de la formation du symbole dans le développement du moi. In: Contributions to Psycho-analysis, Londres, Hogarth Press Ltd / trad. franç. par Marguerite Derrida, *Essais de Psychanalyse (1921-1945)*. Paris, Payot (Science de l'homme), 1967.

LACAN, J. (1949). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Jeu telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LANGER, S. K. *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LEBOVICI, S. *L'arbre de vie:* eléments de la psychopathologie du bébé. Ramonville Saint-Agne: Érès, 1998.

MISHIMA, Y. *Templo da Aurora*. São Paulo: Benvirá, 2014.

NERUDA, P. *Ainda*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

POMMAUX, Y. *Chico le clown amoureux*. Paris, l'école de loisirs, 1980.

QUINTANA, M. *Nova antologia poética*. Rio de Janeiro: Pasquim, 1981.

ROUSSILLON, R. Symboliser la désymbolisation. In: *Aux limites de la symbolisation*. Obra coletiva. Paris: Dunod, 2016.

STEINER, G. *Linguagem e silêncio:* ensaios sobre a crise da palavra. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WINNICOTT, D. W. (1971). *Jeu et réalité – L'espace potentiel*. Paris: Gallimard, 1975.